

---

## ARTE-TEXTO: UM INUSITADO MERGULHO POR ENTRE IMAGENS, CONCEITOS E EXPERIÊNCIAS

---

ART-TEXT:  
AN UNUSUAL DIVING IN PICTURES,  
CONCEPTS AND EXPERIENCES

---

ARTE-TEXTO:  
UN BUCEO INUSUAL ENTRE IMÁGENES,  
CONCEPTOS Y EXPERIENCIAS

---

*Camilo Floriano Riani Costa<sup>1</sup>, Cesar Donizetti Pereira Leite<sup>2</sup>*

### RESUMO

A arte tem ocupado um espaço crescente nas mais distintas discussões em torno da constituição do sujeito, seja pelo viés da experiência, seja pelo da subjetivação, entre muitos outros. Em meio a um cenário pautado pela potência de incontáveis linhas de fuga, existiria um percurso possível para dizer da arte, com arte, pela arte, sendo arte? A partir de reflexões e mergulhos da arte-tese **Caricatas: arte-rostro-humor-experiência**, bem como de iniciativas do grupo Imago (Unesp/Rio Claro), em diálogo com Deleuze, Guattari, Foucault e outros, nasce o presente arte-artigo, constituído integralmente por composições visuais, que levam a espaços em que arte, humor e experiência passam a tecer novas nuances, novas texturas, novas interrogações...

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte. Visual. Humor. Experiência. Subjetivação.

### ABSTRACT

Art has occupied a growing space in the most distinct discussions about the constitution of the subject, whether by the bias of experience, **whether by the subjectivity**, among many others. Amidst a scenario lined with the power of countless escape routes, would there be a possible route to say of art, art, art, art? From the reflections and dives of the art-thesis 'Caricats: art-face-humor-experience', as well as initiatives from the Imago group (Unesp / Rio Claro), in dialogue with Deleuze, Guattari, Foucault **and others**, an art-article composed entirely of visual compositions, which takes us to a space where art, humor and experience come to weave new nuances, new textures, new questions...

**KEYWORDS:** Art. Visual. Humor. Experience. Subjectivity.

### RESUMEN

La arte ha ocupado un espacio creciente en las más diversas discusiones en torno a la constitución del sujeto, ya sea desde la perspectiva de la experiencia, ya sea por la subjetividad, entre muchos otros. En medio de un escenario marcado por un sinnúmero de líneas eléctricas de vuelo, no habría una posible manera de decir el arte, con el arte, el arte, y el arte? A partir de las reflexiones y inmersiones de la arte-tesis 'Caricatas: arte-cara-humor-experiencia', así como iniciativas del Grupo Imago (UNESP / Rio Claro), en diálogo con Deleuze, Guattari, Foucault y otros, ha nacido el arte-artículo totalmente establecido por composiciones visuales, lo que nos lleva a un lugar donde el arte, el humor y la experiencia comienzan a tejer nuevos matices, nuevas texturas, nuevas interrogaciones...

**PALABRAS CLAVE:** Arte. Visual. Humor. Experiencia. Subjetividad.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). São Paulo, SP-Brasil. Artista plástico, Caricaturista, Pesquisador e Professor universitário - Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Comunicação, Curso de Publicidade e Propaganda (UNIMEP). Piracicaba, SP - Brasil. **E-mail:** [camiloriani@gmail.com](mailto:camiloriani@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Campinas, SP - Brasil. Professor Adjunto - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). São Paulo, SP - Brasil. **E-mail:** [mvhleite@uol.com.br](mailto:mvhleite@uol.com.br)  
**Submetido em:** 04-11-2016 - **Aceito em:** 03/05/2017





Como, se vê, não me é possível escrever um texto convencional ou habitual. Também não me parece que serei capaz de certas prolixidades. Por alguma razão forte, desde que comecei a pensar sobre experiência e **ARTE**, as palavras me escapavam, ficavam isoladas, soltas, avulsas, não havia sequência, lógica, não há fronteira entre as ideias, não é possível separar minhas ideias de outras, de outras, ou simplesmente separar as ideias.

Talvez escrever sobre **ARTE** não seja outra coisa que estar submerso nela e com ela, em nossa própria **ARTE** e, portanto, o resultado é uma escrita fragmentária, estilhaçada, restos, farrapos, restos esfarrapados, sensações e pensamentos interrompidos pela presença do outro – outro conhecido ou não – pela presença do tempo entrecortado de uma escrita entrecortada. Balbuciando, quem sabe, parte da experiência que o rosto da **ARTE** nos mostra.

Não pude desenhar ou compor um texto que tivesse começo, meio e fim, ou dito de modo acadêmico, que tivesse introdução, problema, desenvolvimento e conclusão. Mas, quem disse que somente isso pode ser considerado como um texto, que problematiza, que põe a pensar, que dá a ler? Então, não pude pensar na **ARTE** como algo a ser descrito e dito. Porém, quem disse que a **ARTE** pode ser descrita? Não consegui tirar nenhuma conclusão. Mas, quem disse que se pode ter conclusões acerca da **ARTE**? Ainda mais, não consegui antecipar o que seria. Porém, é a **ARTE** algo que se pode antecipar?

O que posso dizer é que estes fragmentos de texto, de escritas, são o modo que me parece possível de apresentar a **ARTE**, de constituir uma possibilidade de apresentar a **ARTE** e seus contornos. É como se a **ARTE** produzisse uma forma de escrever sobre ela, produzisse uma escritura que a contorna. É como se o texto ditasse a **ARTE**, ou ainda como se a **ARTE** precisasse de uma outra escrita, de um outro texto. É como se a **ARTE** precisasse de um

para Leite/intervenção visual/releitura livre sobre texto original

outro, de outro, do outro, da alteridade. Mas é também como se a **ARTE** precisasse ser outra, ser outra **ARTE**, ser outra escrita. É como se a **ARTE** fosse alteridade.

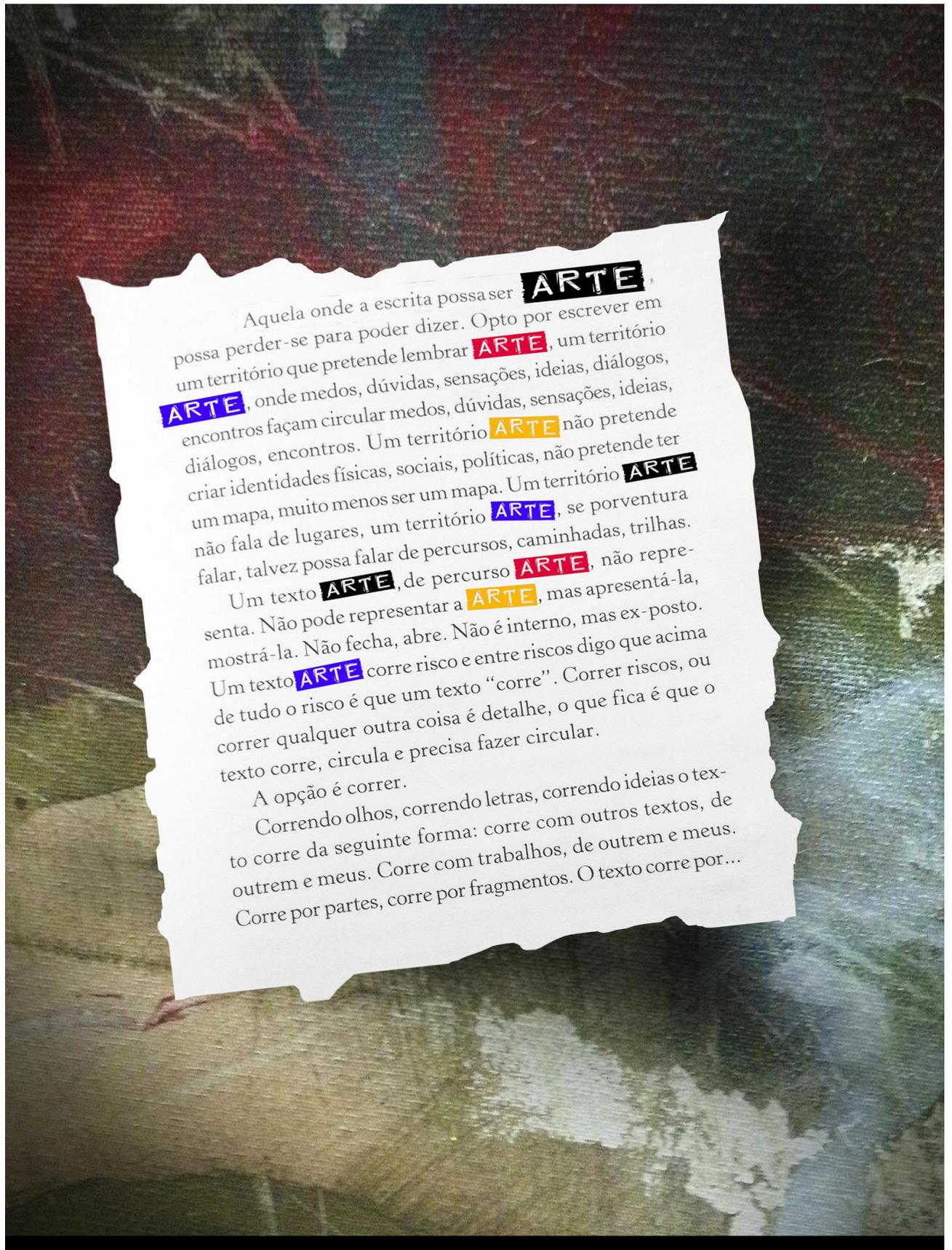
Talvez assim, a escrita alterada pela **ARTE**, pela alteridade da **ARTE**, seja mesmo pura curvatura, pura interrogação, seja provisória, insegura e afaste-se de uma pretensão se um saber, de uma pretensão de saber, escapando de toda altivez, apresentando na sílaba, na respiração, nos gaguejos um “não sei” (um não sei de origem, mas um não sei também de destino). Quanto a fazer do outro um objeto de conhecimento, de reconhecimento um objeto para um experimento, como algo sem sabor, pois algo diz que o sabor pode estar naquilo que se experimenta, só na experiência. Então, falamos de um sabor-experiência e de um saber-experiência.

Este texto contém fragmentos de textos meus e de textos de outros: colocados, colados, postos, apresentados, derivados e bricolados, em um movimento de criação e experimentação também com a escrita, por isso não linear. Por isso, os textos-fragmentos, seções, reticências – podem ser lidos em qualquer ordem. Pode-se começar pelo começo, ou ainda pelo fim, saltar, voltar, ler e reler, reescrever. É este o convite, para que, assim como o texto acima, que foi reescrito, desconfigurado, esvaziado, usado, abusado, este também possa escrever outras escritas, inscrever outras leituras, outras **ARTES**, **ARTES** de outros, **ARTE** outras.

Espero, então, uma leitura apaixonada, passageira, rápida, uma leitura acontecimento, uma leitura para o bem e para o mal, ou ainda uma leitura para além do bem e do mal.

\*\*\*

Entre as várias opções que se apresentam, uma surge como possibilidade de criar modos de dizer sobre **ARTE**.



Aquela onde a escrita possa ser **ARTE**, possa perder-se para poder dizer. Opto por escrever em um território que pretende lembrar **ARTE**, um território **ARTE**, onde medos, dúvidas, sensações, ideias, diálogos, encontros façam circular medos, dúvidas, sensações, ideias, diálogos, encontros. Um território **ARTE** não pretende criar identidades físicas, sociais, políticas, não pretende ter um mapa, muito menos ser um mapa. Um território **ARTE** não fala de lugares, um território **ARTE**, se porventura falar, talvez possa falar de percursos, caminhadas, trilhas.

Um texto **ARTE**, de percurso **ARTE**, não representa. Não pode representar a **ARTE**, mas apresentá-la, mostrá-la. Não fecha, abre. Não é interno, mas ex-posto. Um texto **ARTE** corre risco e entre riscos digo que acima de tudo o risco é que um texto "corre". Correr riscos, ou correr qualquer outra coisa é detalhe, o que fica é que o texto corre, circula e precisa fazer circular.

A opção é correr.

Correndo olhos, correndo letras, correndo ideias o texto corre da seguinte forma: corre com outros textos, de outrem e meus. Corre com trabalhos, de outrem e meus. Corre por partes, corre por fragmentos. O texto corre por...

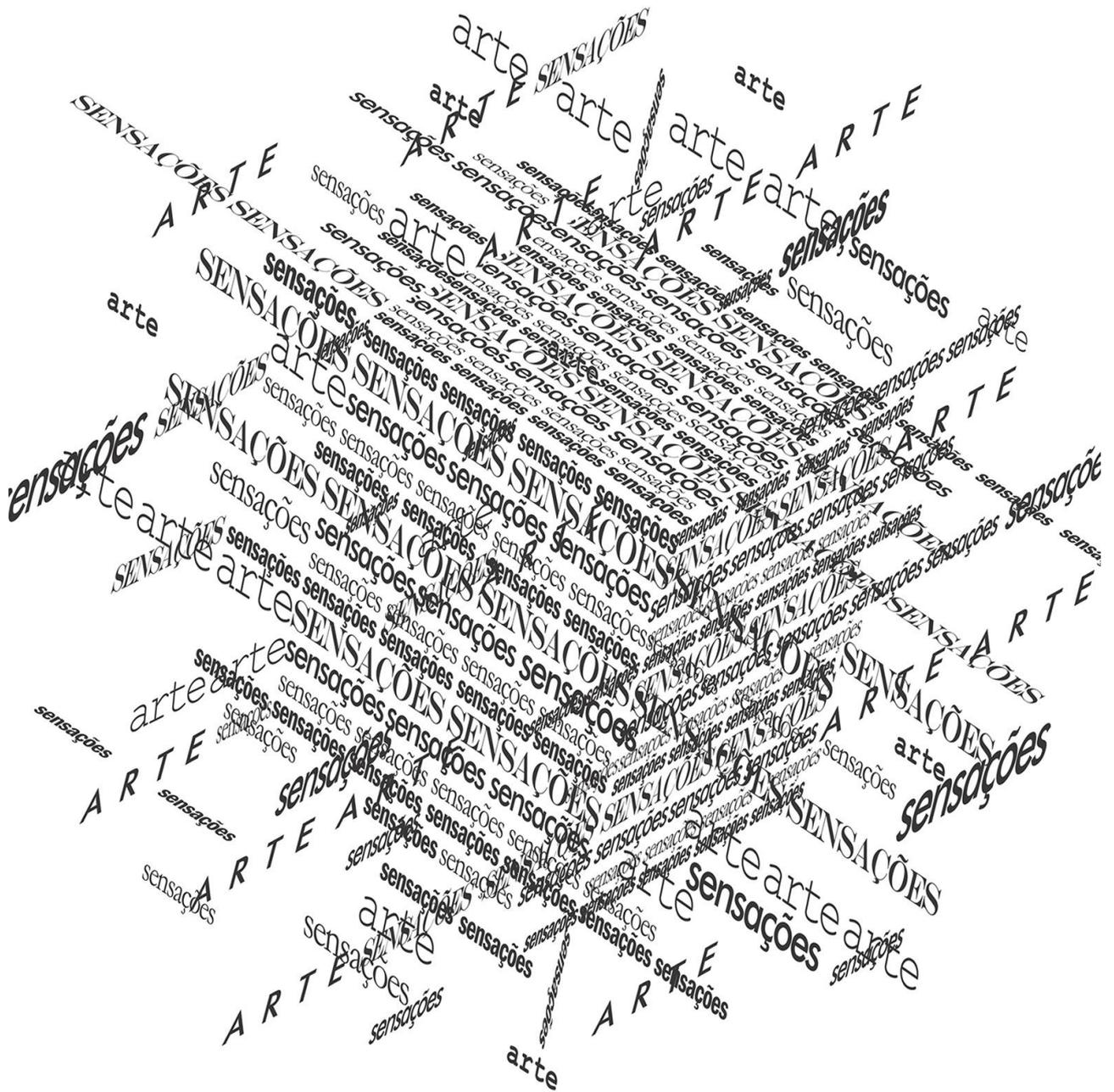
# DES CUBRA SUA MELHOR PARTE

# ARTE

para Foucault

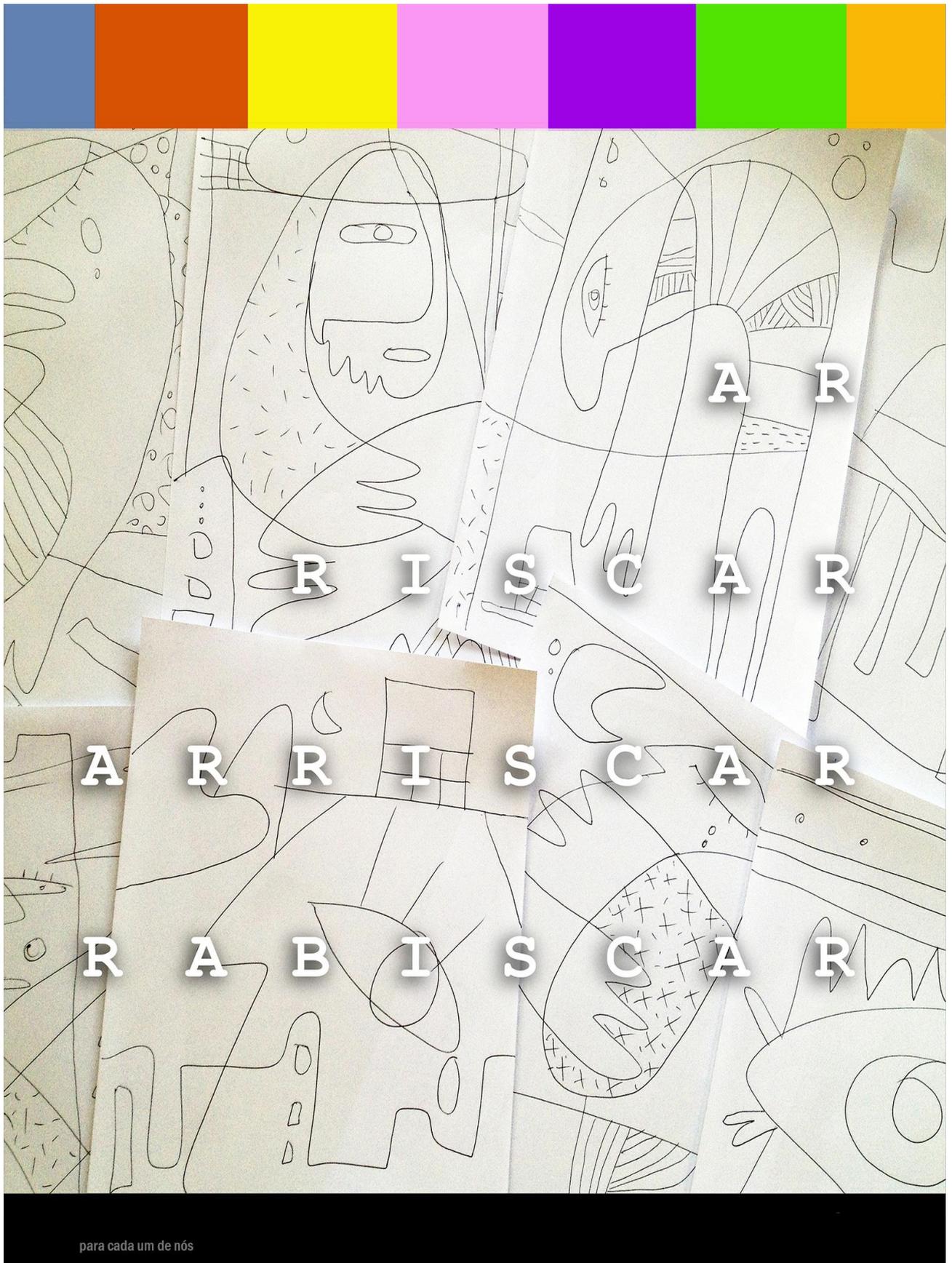
# arte pra escapar à morte

para Nietzsche, Pessoa e tanta gente...



para Deleuze, Guattari





para cada um de nós



meio,  
ent•e,  
por •nde  
se de•liza  
numa gama  
infini•a de  
f•rças, de  
intensidades  
que contêm  
o universo

para Godinho



afectos

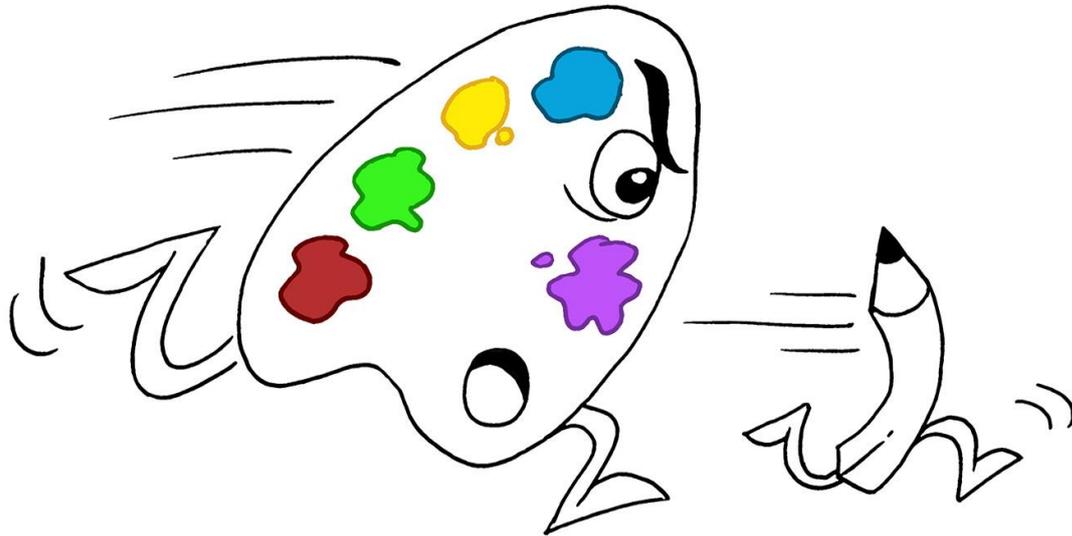
não são mais sentimentos ou afecções; transbordam a força daqueles que são atravessados por eles

perceptos

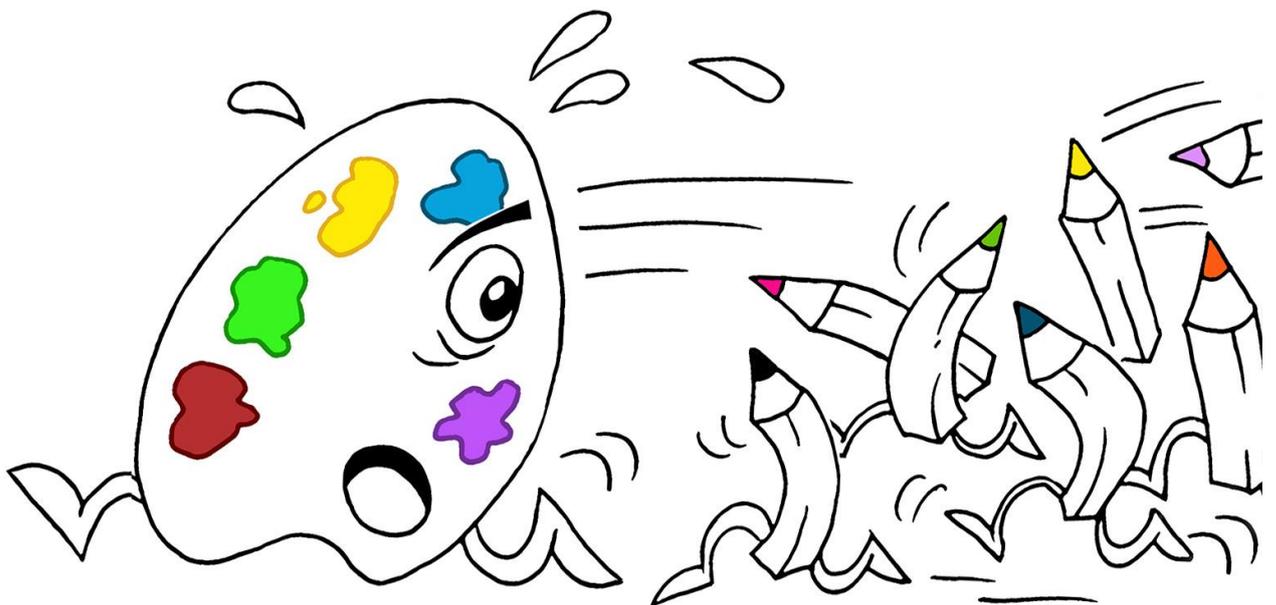
não são mais percepções; são independentes do estado daqueles que os experimentam

morfectos

não são mais sonhos; são devires-estéticos transmutados em novos braços de Morfeu

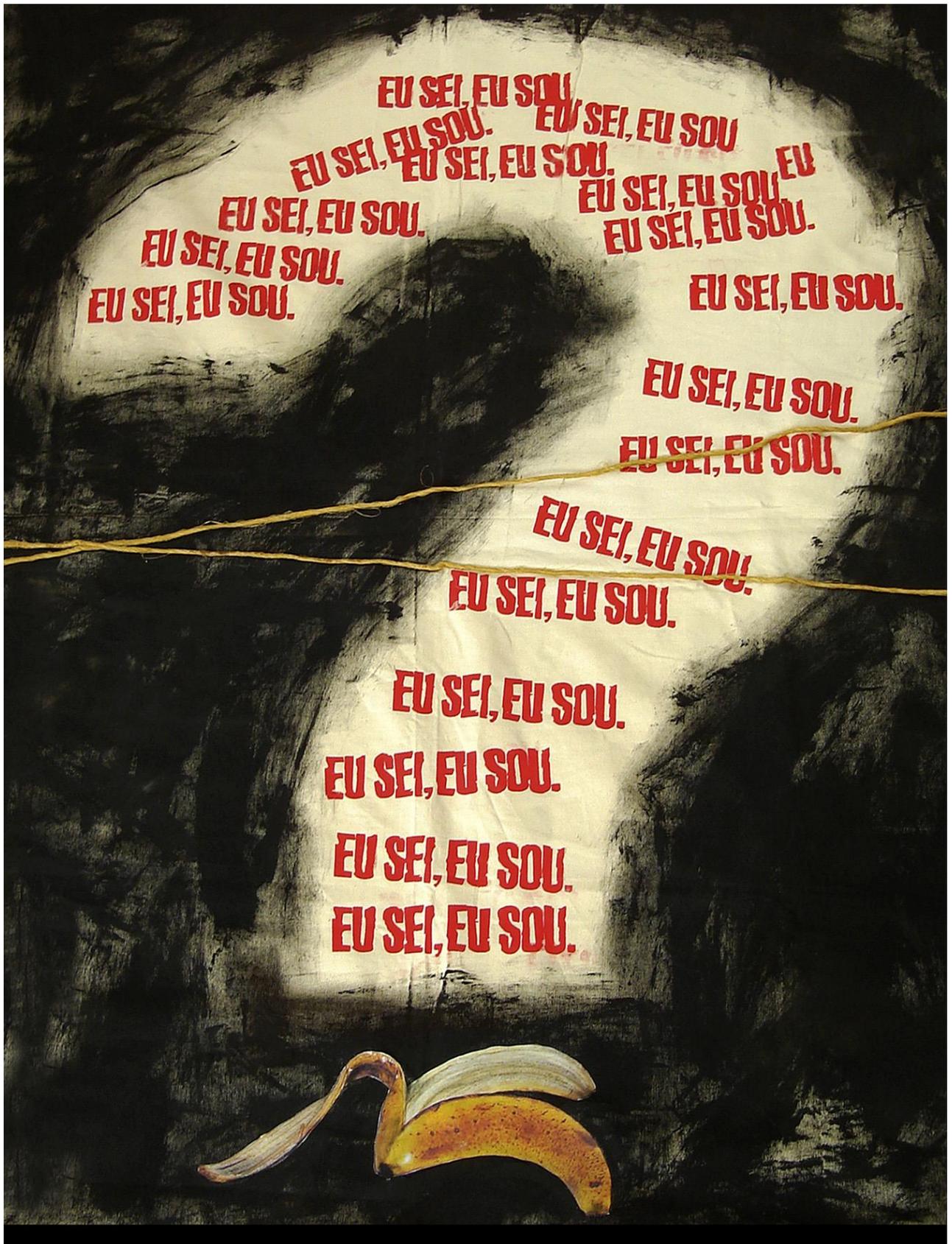


arte menor arte menor arte menor arte



para Deleuze, Guattari, Gallo







## REFERÊNCIAS<sup>i</sup>

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BENJAMIN, W. **Textos escolhidos / Walter Benjamin, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed.34, 1996. v.3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia**. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992. (Coleção Trans).

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética. Uma revisão do trabalho. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**. Para além do estuturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GALLO, Sílvio. mínimo múltiplo comum. In: RIBETTO, Anelice (Org.). **políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)**. Rio de Janeiro: Lamparina; Faperj, 2014.

GODINHO, Ana. Como desfazer para si próprio o seu rosto? **Cadernos de Subjetividade**, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade/ Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica/PUC-SP, São Paulo, 2010.

GODINHO, Ana. Devir rosto e abrir pensamento. In: OLIVEIRA DIAS, Suzana; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos (Org.). **Conexões**: Deleuze e arte e ciência e acontecimento e... Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq/MCT; Campinas: ALB, 2012.

LEITE, César D.P. **Experitempos de experinfância**: re-cortes de montimagens de-formação. Tese (Livre-Docência). Departamento de Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP, Rio Claro, 2011.

PESSOA, Fernando. **Heróstrato e a busca da imortalidade**. Portugal: Assírio & Alvim, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível. Estética e Política**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

RIANI, Camilo. **Caricatas**: arte-rosto-humor-experiência. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Universidade, Rio Claro, 2016. Orientador: Cesar Donizetti Pereira Leite.

---

<sup>i</sup> Revisão do texto sob a responsabilidade de: Leda Farah